

Natureza Em Sintonia Com A Vida

**OGAN ALABÊ
ORLANDO SANTOS**

*** ORISÁ ***
**NATUREZA EM SINTONIA
COM A VIDA**



**Editora Multiplicidade
Vitória – ES
2000**

HISTÓRICO

Orlando Costa Santos ou simplesmente Ogan Alabê Orlando Santos, filho dos Orisás Òsòòsi, Osùn e Obaluaiê, nasceu em Pontal da Cidade de São Jorge dos Ilhéus, Bahia, pela saudosa Yalorisá da Nação Ketu, Maria Amália da Silva Guimarães, irmã mais velha do asé em que também foi formada a conceituada Olga do Alaketo de Matatú de Brotas, Bahia, no barracão de Osùm Miwá, em Salvador.

Orlando Santos integrou-se nos preceitos das consagradas raízes da cultura afro-brasileira, junto ao saudoso Eduardo Ijexá, Cristóvão de Ogun da nação do Efon e de diversos outros ogans. Aprendeu a cantar e a tocar atabaque e conheceu todos os ritmos do candomblé.

Em 1967 chegou a Vitória, Espírito Santo, trazendo em sua bagagem documentos que comprovam a sua carreira profissional de comunicador de quase todas as emissoras de rádio e televisão da capital baiana, Rio de Janeiro e Minas Gerais. Aqui, trabalhou em diversas redes de rádio, televisão e jornal. Em pouco tempo já lançava os jornais **O Mensageiro Espírita Capixaba e Ilú Axé**.

Com a finalidade de defender o povo de Umbanda e de Candomblé criou alguns órgãos federativos. Hoje ocupa o cargo de presidente da **União Espírita Capixaba – UNESCAP**, onde realiza diversos eventos, como Festas de Yemonjá nas praias de Camburi, Guarapari e Jacaraípe, e na Lagoa Juparanã, em Linhares. Em Jacaraípe, onde se encontra o histórico monumento a Yemonjá, vem promovendo encontros culturais e religiosos.

Morador da cidade da Serra, onde exerce o cargo de Fiscal da Prefeitura Municipal, atuou como auxiliar administrativo nas secretarias municipais de Relações Públicas, Turismo e de Ação Social. Atua como expositor em diversas feiras, seminários e simpósios, na UFES e em diversas capitais brasileiras.

Como Ogan já tocou em quase todos os terreiros de umbanda e de candomblé do Espírito Santo e ensinou a muitos tocadores de atabaque e de berimbau.

Nos anos 70 foi autor da música *Uma Festa na Bahia*, que classificou a escola de Samba Unidos da Piedade, de último para segundo lugar. Também foi correspondente do jornal afro-cultural de São Paulo *U&C*. Acompanhou diversas atividades do Cecun e escreveu textos para os livros *Umbanda Transcendental*, do carioca Jorge de Oliveira, *Plantando e Colhendo Saúde*, e *Virando XXI*, da Editora Multiplicidade.

Preservando a sua Terceira Idade e sem pensar em cansaço, é admirador de todos os Babalorixás, Ialorixás, Ekedis, Iamorôs, Iakekerê, Axoguns, Ekurijebós, Iawôs, sacerdotes de umbanda e candomblé pertencentes ao Omo Orixás, caboclos, pretos velhos e entidades que trabalham na prática do bem comum.

DE BEM COM A NATUREZA

É sabido que a natureza quando não ajudada e protegida fracassa. As plantações, se não receberem os devidos cuidados morrem ou não produzem o que delas se espera. O mesmo acontece com os animais e seres humanos.

Desde criança vim a entender que antes de se tomar qualquer decisão ou praticar algum ato, tanto é bom como faz bem ao vivente que sempre deve procurar estar bem humorado e de bem com a vida. Dessa forma, dou sempre graças a Deus (Oxalá), por estar constantemente ao lado de pessoas generosas, de boa índole e de surpreendentes orientações ligadas a natureza.

De conversa em conversa é que tenho conseguido obter bons resultados, juntamente com a minha família, que pertence a Mina do Santè, e com os considerados amigos Babalorixá João Luiz de Ogun Já, Ogan Geraldo do Gantois, Babalorixá Luiz da Muriçoca, Ogan Boboca, tia Olga do Alaketo, cabocla de Oxossi, Minacó, Iadolamin, Oiatolá, Alágjeby, Indenbeleuí, Nene Baiano, Ogan Flô, Ogan Joselito Oguiny, Matambeuá, Wilson de Oxossi, Odessy Filho da Yá Nitinha, Mogbá, Florindo de Xangô, Gimuká, Eminha de Yemonjá, Dezinha de Osun, Yá Leocádia Luxemburgo. Omin Lola e de todos os umbandistas e candomblecistas do Espírito Santo e do Brasil que tenho total respeito e admiração.

Espero que os demais sacerdotes não me levem a mal por não terem sido citados nesta página “de bem com a natureza”, pois tenham certeza de que “tudo que está longe dos olhos está perto do coração”. Creiam todos, que é desse meu jeito de ser que tenho conseguido as necessárias informações, as quais são partidas de fontes inesgotáveis e que venho encontrando a resposta fundamental para todo tipo de assuntos e a solução para os mais diversos problemas.

Orlando Santos

CANDOMBLÉ E UMBANDA: CONTINUIDADE E TRANSFORMAÇÃO

Embora as circunstâncias da escravidão impossibilitassem os africanos de preservarem alguns aspectos de sua cultura, sobretudo as formas de organização econômica, social e familiar. Algumas tradições religiosas demonstraram notável tenacidade, retendo concepções e práticas, mantendo, reformulando e recriando em um espírito de grande fidelidade, muitos objetos de arte sacra. Entre os contingentes sudaneses trazidos para o Brasil, sobretudo para a Bahia, outrora capital da colônia, os lorubas, precedentes de regiões que atualmente integram o sudoeste da Nigéria e o da República de Benin (Ketu, Sabe, Ijesá, Oyó, Egbado, etc.), tiveram grande preeminência, a partir de fins do século XVIII. A coesão religiosa manteve-se e se renovou devido à constante chegada de novos escravos, muito deles sacerdotes, e ao intenso comércio praticado com o Golfo de Benin (exportação de fumo e de grandes quantidades de produtos do reino vegetal empregados nas cerimônias de iniciação e adivinhação, além de inúmeras peças de arte sacra).

Em um esforço para definir muito sumariamente a religião dos lorubas, pode-se dizer que ela se apóia – em uma concepção monoteísta da divindade. Olodumare ou Olorun, o Ser Supremo, a exemplo do que acontece em muitas religiões tradicionais, é visto – como um deus distante, inacessível, indiferente às preces e ao destino da humanidade. Ele está fora do alcance da compreensão humana, segundo o que escreve o etnógrafo Pierre Fatumbi Verger. Não existe culto para Olorun. Ele criou os orixás para que possam governar e supervisionar o mundo. É, portanto a eles que o homem deve dirigir suas preces e fazer suas oferendas. O mesmo autor coloca que o orixá é visto algumas vezes como um ancestral divinizado que em vida, estabeleceu laços que lhe asseguraram o controle de algumas forças da natureza, tais como o trovão, o vento, as águas dos rios e do oceano e lhe deram a possibilidade de desenvolver certas atividades como a caça. O trabalho com os metais ou aquisição do conhecimento das propriedades secretas das plantas e seu uso. O poder, a força dinâmica, o Asé do orixá ancestral após sua morte, faz-se presente em um de seus descendentes, durante a posseção pela divindade.

O panteão dos orixás, vasto na Cultura Yorubá, diminuiu consideravelmente nas Américas, devido à diáspora provocada pelo tráfico. A perda de conhecimento ocorreu por vários motivos, entre eles a recusa dos sacerdotes em transmitir procedimentos e segredos da religião e a fortíssima repressão policial e das igrejas eletrônicas, desencadeada contra os templos e as comunidades religiosas dos candomblés, exercida em algumas cidades do Brasil no início do século XIX até a década de 1960. Tal repressão, por um dramático paradoxo, preservou muitos objetos de arte sacra, pois eles foram arbitrariamente confiscados pelas autoridades policiais e mais tarde encaminhados a museus e instituições culturais.

Em termos de reconstituição da religião, a originalidade, no contexto brasileiro consistiu no fato de serem agrupados no mesmo espaço sagrado, indivíduos de várias procedências, formando uma teia de solidariedade grupal e de relações espirituais a família de santo, chefiada por um sacerdote ou sacerdotisa, o Babalorixá e a Ialorixá (termos com o significado, respectivamente, de pai ou a mãe-que-tem-orixá), e onde se exerce, simultaneamente, o culto a várias divindades (cerca de vinte e um), em oposição ao que acontece na Cultura Yorubá, onde o orixá é visto como uma aquisição familiar, transmitida por linhagem paterna. O devoto, no Brasil, consagra-se a um orixá considerado o “dono” de sua cabeça e tal concepção nada tem a ver com laços familiares. O local de culto e a religião como um todo é conhecido como candomblé, o que não deixa de ser um vocábulo de origem bantu, com o significado dec “reunião”. O candomblé, a religião de posseção, de grande riqueza litúrgica, expressa-se através dos rituais de

adivinhação; de uma rígida hierarquia sacerdotal, com funções muito delimitadas; do atendimento a uma clientela que sempre anda em busca da solução para as suas aflições materiais e espirituais; dos rituais privados e públicos de iniciação, a qual comporta várias etapas ao longo do tempo dos cuidados profiláticos com o corpo, suporte material das divindades, do conhecimento das propriedades terapêuticas e religiosas do reino vegetal, da música, da dança, da indumentária, da culinária sagrada, da arquitetura dos templos, denominados terreiros e por fim, dos objetos de arte sacra. Parte desses objetos como os altares (pegis e papelês), que são erigidos em certos espaços do terreiro e aos quais, de modo geral, tem acesso apenas os iniciados. Outros se fazem presentes por ocasião das cerimônias públicas, usados na paramentação das divindades (coroas, leques, arco, flechas, escudos, espadas, alfanjes, couraças, colares e pulseiras de metal, colares de contas de cristal (miçangas), louças, porcelanas, búzios, palha trançada, etc.). Tais objetos são preparados, isto é, adquirem um caráter sagrado através de cerimônias especiais durante as quais poderes específicos lhes são transferidos.

Caso contrário, seriam apenas uma expressão artesanal ou artística, conforme observa a antropóloga Juana Elbein dos Santos: “Eles não são apenas representação material, mas emblemas essenciais em que o sagrado está representando e ao mesmo tempo simbolizando o espírito místico”. Em relação à atitude com que se deve abordar essas obras, a mesma autora faz uma colocação fundamental. Apreciar objetos de arte sacra e cujos cânones estéticos se acham fortemente associados a um contexto cultural pouco ou mal conhecido, exige do observador, despojamento etnocêntrico, grande abertura e liberdade de sensibilidade para prezar as diferenças culturais como meio fundamental de dar validade e enriquecer a todas as relações humanas.

É surpreendente notar a identidade ou semelhança formal e funcional das peças de arte sacra do candomblé com as que se encontram nos espaços religiosos da Cultura Yorubá, após uma separação de quase dois séculos, indicando prolongamento, reformulação e integração. Certas peças evidenciam a presença de múltiplos contatos culturais que o africano estabeleceu no novo mundo (exemplo de Yemonjá e Osun, divindades aquáticas, representadas como sereias de certas mitologias européias, e as figurações “demoníacas” do orixá Esú), e que, apressadamente, poderia se rotular como sincretismo. Este, entretanto, é apenas aparente.

Conforme observa Mariano Carneiro da Cunha, em seu fundamental estudo sobre a arte afro-brasileira: “O essencial da mensagem religiosa”, escreve ele, “continua africano, isto é, a cosmologia criadora do real continua capaz ao mesmo tempo de incorporar novos elementos e permanecer africana”. Elementos brasileiros se enxertam em elementos africanos, dando-lhes conotações diferentes das origens sem tirar-lhes nada da função básica. A presença da religião dos orixás e Voduns, na Nigéria, Benin e Salvador, Bahia, foi registrada por Pierre Verger que, a partir de suas fundamentais investigações e numerosos escritos sobre o tema, também a documentou por meio da fotografia, arte a que se dedicou por mais de setenta anos.

O candomblé, religião negra e de negros em seus inícios, congrega fiéis em números cada vez maiores. Atualmente, sobretudo no sul do país, é uma religião multi-étnica, que rompe as fronteiras de classe social e está em constante expansão. Somente na cidade de São Paulo, estimou-se, no final da década de 1980, a existência de dois mil e quinhentos terreiros de candomblé. Quarenta anos antes, nenhum terreiro havia sido registrado naquela cidade.

Outra religião que se constitui no país, mais especificamente em Niterói, no Rio de Janeiro, por volta dos anos de 1920, que demonstra difusão maior que o candomblé, é a umbanda, que transpôs as fronteiras do Uruguai, Argentina, Paraguai, Estados Unidos, Portugal e outros países da Europa. A umbanda também se espalhou por todo o Brasil.

As religiões dos povos bantos, baseadas no culto dos antepassados e das forças da natureza, sempre se mostram mais abertas às influências externas.

Da convergência dessas influências nasceu a umbanda que, em uma operação sincrética, assimilou do candomblé a estrutura do culto e alguns orixás, incorporando práticas mágicas européias e muçulmanas, santos católicos, certas correntes esotéricas orientais, além de ser influenciada fortemente pelo Kardecismo.

O Kardecismo, sistema filosófico religioso originado na França em meados do século XIX. O Kardecismo adota a crença na reencarnação e na possibilidade de comunicação entre o mundo dos vivos e dos mortos, através do transe e de outras manifestações de mediunidade, que ocorrem em reuniões com finalidades religiosas, denominadas sessões. O espírito dos mortos (eguns), que então se manifestam, têm a missão de ajudar a humanidade e assim expiar suas faltas passadas, evoluindo em sua escalada em direção à perfeição.

Thompson chama a atenção para as influências congolezas na umbanda, a começar por este vocábulo kikongo (banda significa “iniciar um trabalho”) ou tomado ao kimbudo de Angola. Nesse caso com a acepção de ‘trabalhar positivamente com remédios’. Os espíritos que se manifestam nas giras (cerimônias ou rituais) de umbanda são essencialmente os caboclos, espíritos de índios brasileiros, e os preto-velhos, anciões negros, antigos escravos cujos nomes revelam suas origens angolanas e congolezas. Pai Joaquim de Angola, Maria Cambinda, Vovó Maria Conga, etc.

As entidades quando baixam, isto é quando se manifestam, riscam pontos no chão ou nas tábuas, por meio da pomba (giz grosso cujo termo é kikongo). Os pontos, conjunto de sinais mágicos revelam as suas identidades. Também podem ser riscados para invocar a presença de cada entidade. Combinações de flechas, traços, cruces, círculos, signo de Salomão, corações e estrelas, formam uma cosmografia mágica e compõem um verdadeiro brasonário sagrado, de grande beleza gráfica. É nesse ‘altar desenhado’ que as entidades fazem uma leitura dos problemas e das aflições dos clientes e propõem-lhes soluções, rigorosamente de acordo com os procedimentos que se observa no Congo.

Outras entidades que se manifestam na umbanda são os Esus. No candomblé Esú é considerado como orixá - elemento dinâmico de tudo o que existe, princípio de comunicação e expansão -, do movimento que introduz o acaso e a mobilidade no universo e garante o bom relacionamento do mundo natural com o sobrenatural. Nos terreiros mais influenciados pelo espiritismo Kardecista, onde se pratica a chamada umbanda branca e onde é forte a presença de certos setores da classe média, os esús são vistos como entidades das trevas, que ocupam o último lugar na hierarquia espiritual e não recebem nenhum tipo de culto.

Na vertente mais popular da umbanda se reconhece nos esús um aspecto ambíguo, mas não necessariamente maligno. Representam, juntamente com sua contrapartida feminina, as pombas-gira (provável corruptela do vocábulo kikongo mpambu nzila, isto é, “encruzilhada”). “A astúcia, o

livre trânsito pelas brechas e pelo proibido, o uso de meios não sancionados pelas normas”. Conforme sugere Magnani, “identificam com o mal por parte daqueles que por elas se regem”.

Os objetos de arte sacra na umbanda, são fabricados em escala industrial e postos à venda em lojas especializadas, que se proliferam nas grandes cidades. Consistem em colares. Esculturas de metais, estatuetas de gesso, de todos os portes, representando orixás, caboclos, pretos-velhos, esús, pombas-gira, santos católicos, ciganos, bustos de Allan Kardec - o codificador do espiritismo na França – e divindades orientais, para serem expostos nos gongás, (altares umbandistas).

Nessas lojas também se adquirem produtos do reino mineral e vegetal, tais como pombas de várias cores, ervas medicinais, defumadores, incensos, produtos para banhos de purificação, instrumentos musicais (agogô, atabaque, adeja, etc.), discos, literatura de umbanda e candomblé.

É possível encontrar à venda objetos usados para todos os rituais, cada vez mais industrializados, embora os terreiros mais profissionais recorrem à perícia e à criatividade dos artesãos, que representam a continuidade da tradição lorubas na metalurgia e na arte das contas, a exemplo do que ocorre com trabalhos de Mario Proença e de José Adário dos Santos, de Salvador, na Bahia, e os de Elizabete Romão da Silva (Bete de Yemonjá), do Rio de Janeiro, incluídos nesta exposição, juntamente com outros objetos de rituais que são incorporados aos pejis e gongas das religiões afro-brasileiras.

ORISÁS DO CANDOMBLÉ

ESÚ

Esú é o primeiro orixá a ser louvado no candomblé, porque representa o princípio do movimento. Uma vez acionado é preciso controlá-lo, com respeito a qualquer movimento. A fome é um dos motivos que leva o homem a se mover em direção a um objetivo. Esú come demais. E, por comerem as plantações, é que se diz que as formigas são de Esú. Assim como a terra e os formigueiros. Os pés de qualquer animal também são de Esú.

Esú mora na encruzilhada e é controvertido. Tem um gênio travesso e faz o que lhe pedem. Não tem noção de bem e de mal e se movimenta

apontando o pênis para o lugar onde quer ir. Não existe lugar no passado, presente ou futuro a que Esú não possa ir. Também é associado a sexualidade – a segunda fome humana.

Filho primogênito de Iemanjá com Orunmila, o deus da adivinhação e irmão de Ogun, Xangô e Oxossi, era voraz e insaciável. Conseguiu comer todos os animais da aldeia em que vivia. Depois disso, passou a comer as árvores, os pastos, tudo o que via até chegar ao mar. Orunmila previu então que Eu não pararia e acabaria comendo os homens, e tudo o que visse pela frente, chegando mesmo a comer o céu. Ordenou então a Ogun que contivesse o irmão Esú a qualquer custo. Para conseguir isso, Ogun foi obrigado a matar Esú, a fim de preservar a terra criada e os seres humanos. Mesmo assim, depois da morte de Esú, a natureza, os pastos, as árvores e os rios, tudo permaneceu ressecado e sem vida, doente e morrendo. Um babalaô (representante de Orunmila na terra) alertou Orunmila de que o espírito de Esú sentia fome e desejava ser saciado, ameaçando provocar a discórdia entre os povos como vingança pelo que Orunmila e Ogun haviam feito. Orunmila determinou então que em toda e qualquer oferenda que fosse feita pelos homens a um orixá, houvesse uma parte em homenagem a Esú, e que essa parte seria anterior a qualquer outra, para que se mantivesse sempre satisfeito e assim possibilitasse a concórdia.

Dia da semana: segunda-feira

Cores: preto e azul escuro (entre os lorubas) e preto e vermelho (angolanos).

Elemento: Fogo e ar

Símbolo: Ogó (um pênis de madeira, com búzios pendurados simbolizando o sêmen).

Número: 1

Comida: farofa

Saudação: Laro-yê, Esú!

OGUM

O orixá Ogun é um dos mais amados na cultura Yorubá. Além de ter sido o primeiro ferreiro, foi ele quem descobriu a fundição e inventou todas as ferramentas que existem. É o patrono da tecnologia e da própria cultura, pois sem as ferramentas nada mais poderia ser inventado. Até mesmo plantar, em grandes extensões, seria extremamente difícil. Tendo inventado as ferramentas, com a foice ele abriu os primeiros caminhos para o resto do mundo, o que dá a ele o poder de abri-los ou fecha-los. Com a faca ele fez o primeiro sacrifício ritual, por isso sempre se louva Ogun durante estes sacrifícios. Com o ancinho ele arrou terras e plantou. Com a tesoura cortou peles e inventou os abrigos. Com o machado cortou árvores para construir abrigos. Com o martelo pode unir os troncos com pregos, que ele inventou.

Com a cunha pode levantar grandes pesos e assim aconteceu de Ogun, com a espada que forjou, poder guerrear e conquistar territórios para seu povo.

No entanto, não quis ser rei, pois preferia os desafios ao poder. Continuou lutando e inventando para sempre. Hoje em dia, diz-se que os computadores e todos os analistas de sistemas são de Ogun.

A guerra é de Ogun, cujo nome significa exatamente guerra. Ogun nunca se cansa de lutar, costuma-se chamar por sua ajuda em situações que é extremamente difícil continuar lutando ou quando o inimigo é extremamente forte. Não se deve invocar Ogun a toa, pois seu gênio e

extremamente violento. É um solteirão convicto. Teve muitas mulheres, mas não vive com nenhuma. Criou um filho adotivo, abandonado nas mãos dele por Iansan, a deusa dos ventos e raios, que por sua vez o havia adotado de Osun, a deusa do amor e da riqueza. Um dos mitos sobre ele diz que Ogun é filho de Iemanjá com Oduduwa. Desde criança sempre foi destemido, impetuoso, arrojado e viril, tendo se tornado sempre mais e mais um brilhante guerreiro e conquistado muitos reinos para seu pai. Não houve um só caminho que Ogun não tenha percorrido.

Um irmão dedicado, Ogun tinha por Oxossi uma afeição muito especial, defendendo-o várias vezes de seus inimigos e passando mesmo a morar fora de casa com Oxossi, quando este foi expulso de casa por Iemanjá. Foi Ogun quem ensinou Oxossi a defender-se, a caçar e a abrir seus próprios caminhos nas matas onde reina. Ogun teve muitas mulheres, a principal delas Iansan, guerreira como ele, tendo sido roubada por Xangô, que é seu irmão por parte de mãe. Ogun passou a viver sozinho, para a guerra e para a metalurgia.

Dia da semana: terça-feira

Cores: azul-cobalto (ou azul-ferreiro, como chamam alguns). A cor exata é o azul da chama do fogo.

Símbolo: Espada

Número: 7

Comida: feijoada

Saudação: Ogun Ipê!

OXOSSI

Oxossi é filho de Iemanjá com Orunmila. É a divinização da floresta, reinando sobre o verde, sobre os animais selvagens, dos quais é considerado o dono e dos quais tem todas as virtudes. Oxossi é sagaz como o leopardo, forte como o leão, leve como o pássaro, silencioso como o tigre, observador como a coruja. Sabe se esconder como um tatu, é vaidoso como um pavão, corre como os coelhos, sobe em árvores como macacos, conhece os animais profundamente e com eles partilha o conhecimento da natureza.

Dizem os mitos que aprendeu a caçar com seu irmão Ogun, quando este lhe deu as pontas de flechas e, mais tarde, a espingarda. A essência de Oxossi é "atingir um objetivo". Fixar o alvo e atingi-lo. Alimentar a família. Oxossi sempre foi o responsável por alimentar a família. É considerado o orixá que dá de comer às pessoas, pois sob seus domínios estão os animais e os vegetais. Assim, invoca-se a energia de Oxossi quando se quer encontrar algo ou atingir algum objetivo e para prover sustento (moral ou físico) durante as jornadas.

Invoca-se Oxossi, o patrono da natureza, quando se quer encontrar remédios para certos males, embora seja necessário pedir para Ossain que o remédio faça efeito. Ogum assim o fez, mas como Oxossi relutasse em voltar ao lar, e ao voltar desfeiteasse sua mãe, esta o proibiu de viver dentro da casa, deixando-o ao relento. Como havia prometido ao irmão ser sempre seu companheiro, Ogum foi viver também do lado de fora da casa.

Oxossi tornou-se o melhor dos caçadores e diz o mito que foi ele quem livrou Araketu, sua cidade, de um grande feitiço das perigosíssimas ajés (feiticeiras africanas) Iyami Osorongá, que se transformam em pássaros e atacam as pessoas e cidades com doença e miséria.

Tendo uma das feiticeiras pousado sobre o palácio do rei do Ketu e os demais caçadores do reino perdido todas as suas flechas tentando mata-la, Oxossi, com apenas uma, deu cabo do perigoso pássaro, tendo sido conclamado o rei do Ketu. Pede-se a Oxossi, portanto que destrua feitiços ou energias maléficas.

Um dia, enquanto caçava elefantes para retirar-lhe as presas, Oxossi encontrou e apaixonou-se por Osun, a deusa das águas doces e do ouro que repousa em seus leitos, e com ela teve um filho, Logun-Edé. Filho da floresta com as águas dos rios, Logun-Edé é considerado o orixá da riqueza e da fartura, que ambos os domínios apresentam e dos quais compartilha.

Dia da semana: terça-feira

Cores: azul e verde (azul pela relação com o ar – no lançamento das flechas – e verde pelas matas).

Símbolo: Ofá (arco e flecha)

Elemento: ar e terra

Número: 3

Comida: milho e coco

Saudação: Okê Aro, Oxossi!

OSSAIN

Ossain é a energia mágico/curativa das folhas e por isso divinizada na forma do senhor das folhas e dos remédios. Seu interesse pela ciência tornou-o um solitário desde que desceu o Orun (o céu Yoruba). Embrenhou-se pelas florestas e vive para descobrir e se apoderar dos segredos mágicos das folhas, o elemento mais importante, sem dúvida, no candomblé. Alguns mitos dizem que Ossain aprendeu os segredos das folhas com Aroni, uma espécie de gnomo africano, que tem uma perna só, e com os pássaros, alguns deles a forma tomada pelas temíveis feiticeiras africanas (ajé) Iyami Osorongá, cujo nome não deve ser pronunciado para não atraí-las.

Sentindo-se sozinho, enfeitiçou Oxossi, a quem sempre encontrava nas matas, e o levou para os fundos destas onde lhe ensinou muitos segredos e pretendia mantê-lo, (alguns mitos dizem que como amigo, outros dizem que como amante) o que Yemonjá e Ogum não permitiram, voltando Ossain a sua solidão.

Segundo o mito, Xangô, o deus do trovão, desejando obter os

fundamentais poderes de Ossain, pediu à sua mulher, Iansan, a deusa dos ventos e das tempestades, que ventasse muito no lugar onde morava Ossain, para que as folhas sagradas que guardava em sua cabaça de segredos fossem espalhadas e ela pudesse apanhá-las. Por seu amor a Xangô, Iansan assim fez. No entanto, quando o vento espalhou as folhas todos os orixás correram para apanhá-las, sabendo de seus poderes.

Ossain, ao ver o que acontecia, pronunciou palavras mágicas que solicitavam que as folhas voltassem às matas, sua casa e seu domínio. Todas as folhas voltaram, mas cada orixá ficou conhecendo o poder daquelas que conseguiu apanhar. Só que elas não tinham o mesmo Asé (poder e energia) do que quando estavam sob o domínio de Ossain. Para evitar novos episódios de roubo e inveja, Ossain permitiu, então, que cada orixá se tornasse dono de algumas folhas cujo poder mágico de conhecimento e de cura ele liberaria quando lhe pedissem ao retirá-las de suas plantas. Em troca exigiu que jamais cortassem ou permitissem o corte de uma planta curativa ou mágica.

Toda a medicina Yoruba se baseia, portanto, nos poderes de Ossain, sobre as folhas-remédio e Obaluaiê, o deus que rege as doenças graves. Ambos os orixás são muito temidos e respeitados, porque também entre os Iorubas, o mesmo princípio que cura, mata. Remédio e veneno são questão de grau.

Dia da semana: quinta-feira

Cores: verde escuro (cor do “sangue” das folhas).

Elemento: ar

Símbolo: um ramo de folhas com um pássaro pousado, indicando seus poderes de cura e de magia.

Comida: milho

Saudação: Ewe! Assa!

OBALUAIÊ

Obaluaiê ou Omolu (os nomes se referem às fases míticas, onde o mesmo deus seria mais jovem ou mais velho), é a energia que rege as pestes como a varíola, sarampo, catapora e outras doenças de pele. Ele representa o ponto de contato do homem (físico) com o mundo (a terra). A interface pele/ar. A aparência das coisas estranhas e a relação com elas. Ele também rege as doenças transmissíveis em geral. No aspecto positivo, ele rege e cura, através da morte e do renascimento.

Diz o mito que Obaluaiê é filho de Nanã (a lama primordial de que foram feitas as cabeças – oris – humanas) e Oxalá, tendo

nascido cheio de feridas e de marcas pelo corpo como sinal do erro cometido por ambos, já que Nanã seduziu Oxalá, mesmo sabendo que ele era interdito por ser o marido de Yemonjá.

Ao ver o filho feio e malformado, coberto de varíola, Nana o abandonou à beira do mar, para que a maré cheia o levasse. Yemonjá o encontrou quase morto e muito mordido pelos peixes, e tendo ficado com muita pena, cuidou dele até que ficasse curado. No entanto Obaluaiê ficou marcado por cicatrizes em todo o corpo, e eram tão feias que o obrigavam a cobrir-se inteiramente com palhas. Não se via de Obaluaiê senão suas pernas e braços, onde não fora tão atingido. Aprendeu com Yemonjá e Oxalá como curar estas graves doenças. Assim cresceu Obaluaiê, sempre coberto por palhas, escondendo-se das pessoas, taciturno e compenetrado, sempre sério e até mal-humorado.

Um dia, caminhando pelo mundo, sentiu fome e pediu às pessoas de uma aldeia por onde passava que lhe dessem comida e água. Mas as pessoas assustadas com o homem coberto desde a cabeça com palhas expulsaram-no da aldeia e não lhe deram nada. Obaluaiê, triste e angustiado, saiu do povoado e continuou pelos arredores, observando as pessoas. Durante este tempo os dias esquentaram, o sol queimou as plantações, as mulheres ficaram estéreis, as crianças cheias de varíola e os homens doentes. Acreditando que o desconhecido coberto de palha amaldiçoara o lugar, imploraram seu perdão e pediram que ele novamente pisasse na terra seca.

Ainda com fome e sede, Obaluaiê atendeu ao pedido dos moradores do lugar e novamente entrou na aldeia, fazendo com que todo o mal acabasse. Então homens os alimentaram e lhe deram de beber, rendendo-lhe muitas homenagens. Foi quando Obaluaiê disse que jamais negassem alimento e água a quem quer que fosse, tivesse a aparência que tivesse. E seguiu seu caminho.

Chegando à sua terra, encontrou uma imensa festa dos orixás. Como não se sentia bem entrando numa festa coberto de palhas, ficou observando pelas frestas da casa. Neste momento Iansan, a deusa dos ventos, o viu nesta situação e, com seus ventos levantou as palhas, deixando que todos vissem um belo homem, já sem nenhuma marca, forte, cheio de energia e virilidade. E dançou com ele pela noite adentro. A partir deste dia, Obaluaiê e Iansan-Balé se uniram contra o poder da morte, das doenças e dos espíritos dos mortos, evitando que desgraças aconteçam entre os homens.

Os Yorubas acreditam que este mito nos mostra que o mal existe, que ele pode ser curado, mas principalmente que é preciso ter consciência do momento em que ele terminou, sabendo recomeçar após um violento sofrimento.

Obaluaiê rege também a força da terra (herdado de sua filiação a Nana), a umidade dela (por sua adoção por Yemonjá) e as doenças das plantações.

Dia da semana: segunda-feira

Cores: preto, vermelho e branco

Símbolo: Xaxará (um tubo de palha trançada com sementes mágicas e segredos dentro).

Número: 13

Comida: pipoca

Saudação: Atotô!

OXUMARÊ

Osumarê ou Osumaré, é a energia das cores, da luz, do sol após as chuvas, o arco-íris, e por isso mesmo é associado às serpentes, que são muito coloridas e poderosas.

Conta o mito que apesar de tudo que houvera com Obaluaiê, Nanan e Oxalá tiveram outro filho. Este era Osumarê. Contudo, como novamente eles haviam desobedecido aos preceitos de Orunmila, Osumarê nasceu sem braços e sem pernas, com a forma de serpente, rastejando pela terra, e ao mesmo tempo com a forma de homem. Mais uma vez decepcionada Nanan abandonou Osumarê.

Osumarê entretanto possuía grande capacidade adaptativa e, mesmo sem membros para locomover-se, possuía imensa astúcia e inteligência, aprendeu a subir em árvores, a caçar para comer, a colher as batatas doces de que tanto gostava, e a nadar.

Orunmila, o deus da adivinhação do futuro, admirando-se e apiedando-se dele, tornou-o um orixá belo, de sete cores de luz, encarregando-o de levar e trazer as águas do céu para o palácio de Xangô. É Oxumarê, portanto quem traz as águas da chuva e é a ele que se pede que chova.

Como seu percurso era longo, Oxalá, seu pai, fez com que ele tomasse a forma do arco-íris quando tivesse essa missão a realizar. Com as águas da chuva, Oxumarê traz as riquezas aos homens ou a pobreza. Oxumarê vive com sua irmã Ewa no fim do arco-íris.

Dia da semana: quinta-feira

Cores: as do arco-íris

Símbolo: Dan (uma serpente enrolada numa árvore, simbolizando o poder da adaptação).

Número: 10

Comida: batata doce

Saudação: Arroboi Oxumarê!

Xangô, em seu avatar Ayrá é a força representada pelo som do trovão, e no avatar Aganju, é a terra firme. É um orixá que representa o poder em todas as suas dimensões: da riqueza, da sedução, da justiça, da força física, da inteligência. É irmão de Ogum, por parte de mãe, e também de Oxossi, sendo um filho mais caseiro e próximo de Yemonjá.

Xangô Aganju, a terra firme, apaixonou-se por sua mãe Yemonjá, o mar, perseguindo-a por longo tempo até que ela, cansada, caiu e Aganju a possuiu. Deste incesto nasceram outros orixás, filhos de Yemonjá e Aganju, entre eles os vunges.

XANGÔ

Xangô era extremamente mulherengo e competitivo, tendo roubado as mulheres favoritas de seus dois irmãos, às quais seduziu com sua beleza, inteligência e poder, pois ele reinou sobre todas as terras e teve como esposas Osun, a deusa do amor e da beleza, roubada de Oxossi, o deus das matas, e Iansã, a sensual deusa dos ventos e tempestades, roubada de seu irmão Ogum, o deus da guerra. Ele manteve sempre três esposas, sendo a terceira delas a poderosa Obá, guerreira forte, a única a enfrentar Ogum numa luta física (embora, perdendo a luta) e senhora dos segredos da cozinha, aos quais Xangô não resistiu, embora Obá não fosse uma mulher bonita.

Em suas lutas Xangô conta sempre com a vidência e magia da deusa dos rios, Osun, com a coragem e impetuosidade de Iansã e com a força bruta de Obá. Xangô mora num palácio nos céus, onde prepara as chuvas para sua mãe Yemonjá. Tem poderes secretos, e seu machado bipene é o portador de sua justiça. O barulho dos trovões é o machado de Xangô caindo do céu para fazer justiça.

Dia da semana: quarta-feira
Cores: vermelho e branco
Símbolo: ODÉ (machado de dois cortes)
Comida: Amalá (quiabo moído)
Saudação: Kaô Kabiecilê, Xangô!

OSUN

Osun é a força dos rios, que correm sempre adiante, levando e distribuindo pelo mundo sua água que mata a sede, seus peixes que matam a fome, e o ouro que eterniza as idéias dos homens nele materializada. Como as águas dos rios, a força de Osun vai a todos os cantos da terra. Ela dá de beber as folhas de Ossain, aos animais e plantas de Oxossi, esfria o aço forjado por Ogum, lava as feridas de Obaluaiê, compõe a luz do arco-íris de Oxumarê.

orixás masculinos.

Osun é por isso associada à maternidade, da mesma maneira que Yemonjá. Por sua doçura e feminilidade, por sua extrema voluptuosidade advinda da água, Oxum é considerada a deusa do amor. A Vênus africana.

Como acontece com as águas, nunca se pode prever o estado em que encontraremos Oxum, e também não podemos segura-la em nossas mãos. Assim, Oxum é o ardil feminino. A sedução. A deusa que seduziu a todos os

Diz o mito que Oxum era a mais bela e amada filha de Oxalá. Dona de beleza e meiguice sem iguais, a todos seduzia pela graça e inteligência. Oxum era também extremamente curiosa e apaixonada por um dos orixás, quis aprender com Orunmilá, o melhor amigo do seu pai, a ver o

futuro. Como o cargo de Oluô (dono do segredo) não podia ser ocupado por uma mulher, Orunmilá, já velho, recusou-se a ensinar o que sabia a Oxum.

Oxum então seduziu Esú, que não pode resistir ao encanto de sua beleza e pediu-lhe que roubasse o jogo de ikin (cascas de coco de dendezeiro) de Orunmilá. Para assegurar seu empreendimento Oxum partiu para a floresta em busca das Iyami Oshorongá, as perigosas feiticeiras africanas, a fim de pedir também a elas que a ensinassem a ver o futuro. Como as Iyami desejavam provocar Esú há tempos, não ensinaram Oxum a ver o futuro, pois sabiam que Esú já havia roubado os segredos de Orunmilá, mas a fazer inúmeros feitiços em troca de que cada um deles recebessem sua parte.

Tendo Esú conseguido roubar os segredos de Orunmilá, o deus da adivinhação se viu obrigado a partilhar com Oxum os segredos do oráculo e lhe entregou os dezesseis búzios com que até hoje jogam. Oxum representa, assim a sabedoria e o poder feminino. Em agradecimento a Esú, Oxum deu-lhe a honra de ser o primeiro orixá a ser louvado no jogo de búzios, e entrega a eles suas palavras para que as traga aos sacerdotes. Assim, Oxum é também a força da vidência feminina. Mais tarde Oxum encontrou Oxossi na mata e apaixonou-se por ele. A água dos rios e as florestas tiveram então um filho chamado Logun-Edé, a criança mais linda, inteligente e rica que já existiu.

Apesar do seu amor por Oxossi, numa das longas ausências deste, Oxum foi seduzida pela beleza, os presentes (Oxum adora presentes) e o poder de Xangô, irmão de Oxossi, rompendo sua união com o deus da floresta e da caça. Como Xangô não aceitou Logun-Edé em seu palácio, Oxum abandonou seu filho, usando como pretexto a curiosidade do menino, que um dia foi vê-la banhar-se no rio. Oxum pretendia abandoná-lo sozinho na floresta, mas o menino se esconde sob a saia de Iansã, a deusa dos raios, que estava por perto. Oxum deu então seu filho a Iansã e partiu com Xangô tornando-se, a partir de então, sua esposa predileta e companheira cotidiana.

Dia da semana: sábado

Cores: amarelo-ouro

Número: 5

Símbolo: Abebê (espelho)

Comida: Ipetê (feijão fradinho com camarão)

Saudação: Ora ieieu, Oxum!

Logun-Edé, chamado geralmente apenas de Logun, é o ponto de encontro entre os rios e as florestas, as barrancas, beiras de rios, e também o vapor fino sobre as lagoas, que se espalha nos dias quentes pelas florestas. Logun representa o encontro de natureza distintas sem que ambas percam suas características. É filho de Oxossi com Oxum, dos quais herdou as características. Assim, tornou-se o amado, doce e respeitado príncipe das matas e dos rios, e tudo que alimenta os homens, como as plantas, peixes e outros animais, sendo considerado então o dono da riqueza e da beleza masculina. Tem a astúcia dos caçadores e a paciência dos pescadores como principais virtudes.

LOGUN-EDÉ

Dizem os mitos que sendo Oxossi e Ogum extremamente vaidosos, não puderam viver juntos, pois competiam pelo prestígio e admiração das pessoas e terminaram separando-se. Ficou combinado entre eles que Logun-Edé viveria seis meses nas águas dos rios com Oxum e seis meses nas matas, com seu pai Oxossi. Ambos ensinariam a Logun a natureza dos seus domínios. Ele seria poderoso e rico, além de belo.

No entanto, o hábito da espreita aprendido com seu pai, fez com que, um dia, curioso a respeito da beleza do corpo de sua mãe, de que tanto se falava nos reinos das águas, Logun-Edé vestindo-se de mulher fosse espiá-la no banho. Como Oxum estivesse vivendo seu romance com Xangô, tio de Logun, e Xangô tivesse exigido como condição do casamento que ela se livrasse de Logun, Oxum aproveitou a oportunidade para punir Logun com sua transformação num orixá meji (hermafrodita) e abandona-lo na beira do rio. Iansã o encontra, e fascinada pela beleza da criança leva Logun para casa onde, juntamente com Ogum, passa a cria-lo e educa-lo.

Com Ogum, Logun-Edé aprendeu a arte da guerra e da forja, e com Iansã, o amor a liberdade. Diz o mito que Logun tinha tudo, menos o amor das mulheres, pois mesmo Iansã, quando roubada de Ogum por Xangô, abandona Logun com seu tio, criando assim um profundo antagonismo entre Xangô e Logun, já que por duas vezes Xangô lhe tira a mãe.

Em outro episódio Logun vai brincar nas águas revoltas (a deusa Obá, também esposa de Xangô) e esta tenta mata-lo como vingança contra Oxum que lhe fizera uma enorme falsidade. Oxum, vendo em seu jogo de búzios o que estava sucedendo com seu filho abandonado, pede a Orunmilá que o salve e este, que sempre atendia às preces da filha de Oxalá, faz uma oferenda a Obá que permite então que os pescadores salvem Logun-Edé, encarregando-o de proteger, a partir daquele dia, os pescadores, as navegações pelos rios e todos os que vivessem à beira das águas doces.

Logun nunca se casou, devido ao seu caráter infantil e hermafrodita, e sua companhia predileta é Ewá, que também vive, como ele, solitária e no limite de dois mundos diferentes.

Dia da semana: quinta-feira

Cores: Azul e amarelo

Símbolo: Ofá (arco e flecha) e Abebê (espelho de mão)

Número: 3

Comida: milho e coco e peixes

Saudação: Loci loci, Logun!

IANSÃ

lansã é a forças dos ventos, dos furacões, das brisas que acalmam, das coisas que passam como o vento, dos amores efêmeros, sensuais, das tempestades, que assolam a existência, mas não duram para sempre. lansã ajudava Ogum na forja dos metais, soprando o fogo com o fole para aviva-lo mais e mais, e assim fabricarem mais ferramentas para trabalhar o mundo e armas para as guerras de que ambos tanto gostavam. Por seu temperamento livre e guerreiro, lansã era uma companheira perfeita para Ogum. Diz o mito que lansã não podia ter filhos, por isso adotou Logun-Edé, filho abandonado por Oxum, e o criou durante algum tempo.

Diz o mito, também, que lansã era tão linda que, para fugir ao assédio masculino vestia-se com uma pele de búfalo, e saía para a guerra. Que era amiga tão leal que foi ela a primeira a

realizar uma cerimônia de encaminhamento da alma de um amigo caçador ao orum (céu). lansã não parava jamais.

Um dia em que Xangô foi visitar seu irmão Ogum e encomendar-lhe armas para a guerra, lansã (também conhecida como Oyá) apaixonou-se por Xangô, e partiu para viver com ele, deixando Logun-Edé com Ogum, que terminaria de cria-lo. A partir de então, tornou-se uma das três esposas de Xangô e com ele reina e luta, enviando seus ventos para limpar o mundo e anunciando a chegada dos raios e trovões de seu amado.

Dia da semana: quarta-feira

Cores: vermelho, rosa, marron.

Símbolo: Eruxin (rabo de cavalo, signo de poder ioruba) e Obé (espada).

Número: 9

Comida: acarajé

Saudação: Eparrei, Oyá!

Obá representa as águas revoltas dos rios. As pororocas, as águas fortes, o lugar das quedas são considerados domínios de Obá. Ela representa também o aspecto masculino das mulheres (fisicamente) e a transformação dos alimentos de crus em cozidos.

Por sua envergadura física, tornou-se uma guerreira, a única mulher capaz de desafiar Ogum para uma luta, e por ser Obá extremamente forte e destemida, Ogum se viu obrigado a usar de um truque contra ela, espalhando quiabo amassado no chão, e atraindo Obá para aquele canto, onde a guerreira escorregou e não apenas perdeu a luta como foi possuída à força por Ogum, que se tornou seu inimigo.

OBÁ

Sendo uma cozinheira excelente foi escolhida para ser a terceira esposa de Xangô, o deus trovão. Sempre se sentindo menos desejada por seu amado que Oxum e Iansã, Obá se esmerava em agrada-lo com seus pratos cada vez mais aprimorados. Mas Oxum era sempre a preferida de Xangô.

Um dia Obá não se conteve e perguntou a Oxum qual o segredo de sua sedução. Oxum, que vivia com a cabeça enrolada em turbantes maravilhosos, disse que havia cortado a própria orelha esquerda e colocado no Amalá (uma comida à base de quiabo) de Xangô que, ao come-lo, por ela se perdera de paixão para sempre. Obá então cortou a própria orelha e a colocou no Amalá. Ao ver Obá com um ferimento no lugar da orelha, Xangô quis saber o que houvera e Obá contou. Neste momento Oxum tirou seu turbante e, mostrando as duas orelhas intactas, a Obá desatou a rir.

Xangô, zangado com a insensatez de Obá e enjoado por ver sua orelha na comida, expulsou-a de seu palácio e Obá tanto chorou e teve raiva que se transformou num rio revoltoso. Na África, no lugar onde se encontram os rios Obá e Oxum o estouro das águas é extremamente violento.

Dia da semana: quarta-feira
Cores: vermelho com amarelo
Símbolo: Obé
Número: 4
Comida: quiabo
Saudação: Obá xirê!

EWÁ

Muito pouco se sabe sobre o orixá Ewá. Ela também é filha de Nanã, e é vista como horizonte, o encontro do céu com a terra, do céu com o mar. Ewá representa ainda outros horizontes, com a interface onde se tocam a vida e a morte, o dia e a noite, e outros. Assim, todas as transformações, mudanças e adaptações são regidas por ela.

Ewá é virgem, bela e iluminada. Apesar desta beleza e do assédio dos orixás masculinos, nunca quis se casar, sendo uma moça quieta e isolada, voltada para o conhecimento dos segredos das transformações.

Nanã, preocupada com sua filha, pediu a Orunmilá que lhe arranjasse um amor, um casamento, mas Ewá desejava viver sozinha, dedicada à sua tarefa de fazer cair a noite no horizonte, puxando o sol com seu arpão. Pediu ajuda ao seu irmão Oxumarê, o arco-íris, que a escondeu no lugar onde ele se acaba, por trás do horizonte, e Nanã não mais pode alcançá-la. Assim, os dois irmãos passaram a viver juntos, para sempre inatingíveis. Ambos regem o inatingível e Ewá também é compreendida como a energia que torna possível o abandono do corpo e a entrada do espírito numa nova dimensão.

No Brasil, poucos candomblés cultuam Ewá, pois dizem que o conhecimento sobre as folhas necessárias ao seu culto foi perdido durante o processo de aculturação dos africanos escravos.

Dia da semana: segunda-feira

Cores: verde-mar e rosa (o tom do rosa é o do cair da tarde).

Símbolo: Arpão com uma serpente enrolada, por sua ligação com Oxumarê.

Comida: batata doce

Saudação: Rirró!

NANÃ

Nanã é a lama primordial, o barro, a argila da qual são feitos os homens. Dela saem seres perfeitos e imperfeitos, modelados por Oxalá e cuja cabeça é preparada pelo sensível Ajalá.

Dizem os mitos que antes de criar o homem, do barro, Oxalá tentou criá-lo de ar e de fogo, de água, pedra e madeira, mas em todos os casos havia dificuldades. O homem de ar esvaecia; não adquiria forma. O de fogo consumia-se, o de pedra era inflexível e assim por diante. Foi então que Nanã se ofereceu a Oxalá, para que com ela criasse os homens, impondo, contudo, a condição de que quando estes morressem fossem devolvidos a ela.

Sendo o barro, Nanã está sempre no princípio de tudo, relacionada ao aspecto da formação das questões humanas, de um indivíduo e sua essência. Ela é relacionada também, freqüentemente, aos abismos, tomando então o caráter do inconsciente, dos atavismos humanos. Nanã tanto pode trazer riquezas como miséria. Está relacionada, ainda, ao uso das cerâmicas, momento em que o homem começa a desenvolver cultura. Seja como for, Nanã é o princípio do ser humano físico. E assim é considerada a mais velha das labás (orixás femininos).

Dizem os mitos que nunca foi bonita. Sempre ranzinza, instável, sua aparência afastava os homens, que dela tinham medo. Teve dois filhos com Oxalá: Obaluaiê e Oxumarê (a terra e o arco-íris) e uma filha, Ewá, que teria nascido de uma relação entre Nanã e Oxossi, ou ainda entre Nanã e Orunmilá. Alguns mitos dizem também que ela é mãe de Iansã, os ventos, que foi expulsa de casa para não matar sua mãe, a lama, ressecando-a.

Como já vimos nos mitos de Obaluaiê e Oxumarê, ela os gerou defeituosos, por ter quebrado uma interdição e mantido relações sexuais com Oxalá, marido de Iemanjá. Abandonou a ambos,

que foram criados por outros orixás, e acabou sozinha quando Ewá, para fugir de um casamento que sua mãe lhe impingia, foi morar no horizonte entre o céu e o mar.

Nanã sempre esteve em demanda com Ogum, que amava muito sua mãe Iemanjá, tomando partido desta na disputa que se estabeleceu entre elas pelo amor de Oxalá.

Ogum, muitas vezes tentou se apoderar dos territórios lamacentos de Nanã sem conseguir. Como diversão, Ogum gostava de provocar a orixá, que exigia de Oxalá que este fosse castigado, sem nunca ter conseguido, pois Ogum tinha fama de justo. Tantas vezes irritou Nanã que ela não recebe nenhuma oferenda feita ou cortada com objetos de metal e mesmo o sacrifício de animais feito em sua homenagem deve ser feito com faca de madeira ou coberta por um pano.

Dia da semana: segunda-feira

Cores: roxo ou lilás

Símbolo: Ibiri (conhecido como “Vassoura de Nanã”, um instrumento de palha, com elementos mágicos dentro, semelhante ao usado por Obaluaiê, com a qual Nanã varre a terra).

Número: 15

Comida: mostarda

Saudação: Saluba!

IROKO

Iroko representa o tempo. É a árvore primordial. A primeira dádiva da terra (Oduduwa) aos homens. Existe desde o princípio dos tempos e a tudo assistiu, a tudo resistiu e resistira. Mesmo assim é pouco cultuado no candomblé brasileiro.

Iroko é a essência da vida reprodutiva. Do poder da terra. Alguns mitos dizem que Iroko é o cajado de Oduduwa, a terra, que através dele ensina os homens o sentido da vida. É a permanência dentro da impermanência e impermanência na permanência. O ciclo vital que não muda com o transcorrer da eternidade. A infinita e generosa oferta que a natureza nos faz, desde que saibamos reverenciá-la e louva-la.

É também conhecido nos candomblés como “Tempo”, embora seja uma designação própria do rito angola. Diz o mito que no princípio de tudo, a primeira árvore nascida foi Iroko. Ele era capaz de muita magia, tanto para o bem quanto para o mal, e se divertia atirando frutos aos pés das pessoas que passavam.

Quando não tinha o que fazer, brincava com as pedras que guardava nos ocos de seu tronco. Um dia, as mulheres de uma aldeia

próxima ficaram todas estéreis, por ação das Iyami. Então elas foram a Iroko e pediram a fertilidade. Iroko, contudo, exigiu dádivas em troca, pois é preciso abrir espaço para receber dons, como é preciso perder as flores para receber frutos. As mulheres concordaram e prometeram muitos presentes. Uma delas, contudo, tendo como única riqueza seu filho, prometeu dar a Iroko esta criança. Quando engravidaram, as mulheres foram a Iroko e fizeram as oferendas. Menos a que prometera a criança, pois ela amava muito o filhinho.

Iroko ficou muito zangado e aguardou o dia em que a criança brincava ao redor dele e a raptou. Quando a mãe foi buscar a criança, Iroko lembrou a mulher de sua promessa, ameaçando matar o outro filho que lhe dera, caso ela retirasse “sua” criança dali. Então a mulher, desesperada, procurou o babalaô, que jogando os búzios sugeriu que ela mandasse fazer um boneco de madeira com as feições de uma criança, banhasse com determinadas ervas e quando Iroko estivesse dormindo, substituísse o a criança pelo boneco. E assim ela fez. Até hoje se pode ver, nas gameleiras brancas o bebê de Iroko, repousando deitado em seus galhos. Em suas copas vivem também as Iyami Oshorongá, as ajés (feiticeiras) da floresta.

Dia da semana: quinta-feira

Cores: verde/marrom

Símbolo: Grelha (representando as direções do tempo).

Número: 11

Comida: inhame e carneiro

IEMANJÁ

Iemanjá são todas as águas salgadas e areias do mar. É considerada o princípio de tudo, juntamente com Oduduwá, a terra. Iemanjá é o mar que alimenta, que umidifica e energiza a terra, e também o maior cemitério do mundo. Representa ainda as profundezas do inconsciente, o movimento rítmico, todas as coisas cíclicas, tudo que se pode repetir infinitamente. A força contida, o equilíbrio. É a yabá dona de todos os oris (cabeças).

Iemanjá uniu-se a Oxalá, a criação, e com ele teve os filhos Ogum, Oxossi e Xangô. Como seus filhos se afastaram, Iemanjá foi aos poucos se sentindo mais e mais sozinha e resolveu correr o mundo, até chegar a Okerê, onde foi adorada por sua beleza, inteligência e meiguice. Lá, o rei Alafin apaixonou-se por ela, desejando que se tornasse sua mulher. Iemanjá então fugiu, mas o rei colocou seus exércitos para persegui-la. Durante sua fuga, foi encurralada por Oke (as montanhas) e caiu, cortando seus enormes seios, de onde nasceram os rios. Assim, ela é também a mãe de Oxum, Obá e Iansã (em alguns mitos).

Conta-se que a beleza de Iemanjá é tamanha que seu filho Xangô não resistiu a ela e passou a persegui-la, com o desejo incestuoso de possuí-la. Na fuga, Iemanjá caiu e cortou os seios, dando origem as águas do mundo e aos vunges, filhos de Xangô com Iemanjá. Outro mito ainda narra a sedução em sentido contrário. É Iemanjá quem persegue seu filho Aganju (a terra firme) e este é quem foge.

Representando o inconsciente, Iemanjá é considerada também a “dona das cabeças”, no sentido de ser ela quem dá o equilíbrio necessário aos indivíduos para lidar com suas emoções e desejos inconscientes.

Dia da semana: sábado

Cores: azul claro e verde, nos tons do mar.

Símbolo: Abebê (espelho, símbolo das águas em geral).

Número: 10

Comida: arroz com mel

Saudação: Odô Iyá!

VUNGE OU IBEJI

Os Vunges ou os Ibejis representam a solidariedade, a gemelaridade (qualidade das coisas gêmeas, compostas de dois inseparáveis, e assim do próprio processo de conhecimento humano, composto de pares inseparáveis de oposições). Representam ainda os irmãos, a infância, o início da vida, momento em que a dependência da solidariedade é maior.

Um dos mitos diz que os orixás crianças, os gêmeos Ibejis, eram companheiros de brincadeira de Logun-Edé e de Ewá, sendo filhos de Iemanjá. Um dia, enquanto brincavam numa cachoeira, um deles acabou se afogando. O Vunge que ficou começou então a se tornar a cada dia menos forte, mais melancólico e sem interesse pela vida. Foi então a Orunmilá e suplicou que este Ihe trouxesse seu irmão de volta. Não podendo fazer tal coisa, Orunmilá transformou ambos em imagens de madeira, e os deu de presente a Oxum, para que deles cuidasse e para que pudessem ficar juntos para sempre.

Iyami Oshorongá é o termo que designa as terríveis feiticeiras africanas, uma vez que ninguém as conhece por seus nomes. As Iyami representam o aspecto sombrio das coisas: a inveja, o ciúme, o poder pelo poder, a ambição, a fome, o caos, o descontrole. No entanto, elas são capazes de realizar grandes feitos quando devidamente agradadas. Pode-se usar os ciúmes e a ambição das Iyami em favor próprio, embora não seja recomendável lidar com elas.

O poder das Iyami é atribuído às mulheres velhas, mas pensa-se que, em certos casos, ele pode pertencer igualmente a moças muito jovens, que o recebem como herança de sua mãe ou de uma de suas avós. Uma mulher de qualquer idade poderia também adquiri-lo, voluntariamente ou sem que o saiba, depois de um trabalho feito por alguma Iyami empenhada em fazer proselitismo.

Dia da semana: domingo

Cores: rosa e azul

Número: 2

Comida: caruru

Saudação: Ere wa!

IYAMI OSHORONGÁ

Existem também feiticeiros entre os homens, os oxô, porém seriam infinitamente menos virulentos e cruéis que as ajé (feiticeiras). Ao que se diz, ambos são capazes de matar, mas os primeiros jamais atacam membros de sua família, enquanto as segundas não hesitam em matar seus próprios filhos. As Iyamis são tenazes, vingativas e atacam em segredo. Dizer seu nome em voz alta é perigoso, pois elas ouvem e se aproximam pra ver quem fala delas, trazendo sua influência.

Iyami é freqüentemente denominada eleyé, dona do pássaro é o poder da feiticeira; é recebendo-o que ela se torna ajé. E ao mesmo tempo o espírito e o pássaro que vão fazer os trabalhos maléficos.

Durante as expedições do pássaro, o corpo da feiticeira permanece em casa, inerte na cama até o momento do retorno da ave. Para combater uma ajé, bastaria, ao que se diz, esfregar pimenta vermelha no corpo deitado e indefeso. Quando o espírito voltasse não poderia mais ocupar o corpo maculado por seu interdito.

Iyami possui uma cabaça e um pássaro. A coruja é um dos seus pássaros. É este pássaro quem leva os feitiços até seus destinos. Ele é pássaro bonito e elegante, pousa suavemente nos tetos das casas e é silencioso. Se ela diz que é pra matar, eles matam, se ela diz que é pra levar os intestinos de alguém, levarão. Ela envia pesadelos, fraqueza nos corpos, doenças, dor de barriga, levam embora os olhos e os pulmões das pessoas dá dores de cabeça e febre, não deixa que as mulheres engravidem e não deixa as grávidas darem à luz.

As Iyami costumam se reunir e beberem juntas o sangue de suas vítimas. Toda Iyami deve levar uma vítima ou o sangue de uma pessoa à reunião das feiticeiras. Mas elas têm seus protegidos, e uma Iyami não pode atacar os protegidos de outra Iyami.

Iyami Oshorongá está sempre encolerizada e sempre pronta a desencadear sua ira contra os seres humanos. Está sempre irritada, seja ou não maltratada, esteja em companhia numerosa ou solitária, quer se fale bem ou mal dela, ou até mesmo que não se fale, deixando-a assim num esquecimento desprovido de glória. Tudo é pretexto para que Iyami se sinta ofendida. É muito astuciosa.

Para justificar sua cólera, institui proibições. Não as dá a conhecer voluntariamente, pois assim poderá alegar que os homens as transgridem e poderá punir com rigor, mesmo que as proibições não sejam violadas. Iyami fica ofendida se alguém leva uma vida muito virtuosa, se alguém é muito feliz nos negócios e junta uma fortuna honesta, se uma pessoa é por demais bela ou

Orunmilá, também conhecido como Ifá, é o princípio da intuição, da premonição, os sentidos do espírito, o olhar que conhece o futuro. É o deus invocado no jogo de búzios, pois é ele quem conhece todos os destinos (odus), cabeças (oris) e caminhos. Ele diz a Esú que movimente suas palavras até os búzios, indicando que orixá está regendo uma pessoa, porque, com que destino. É considerado um avatar de Oxalá, pois ele estava no começo do mundo. Olodumare (o universo), Obatalá (o princípio), Oxalá (a criação), Oxaguiã (o conflito), Orunmilá (intuição), Oduduwá (o planeta Terra), Ajalá (o oleiro que molda os oris – cabeças) e Fururu (o sopro da vida) são considerados Oxalá todos eles. O começo de tudo. O princípio dividido em oito, o infinito.

agradável, se goza de muito boa saúde, se tem muitos filhos, e se essa pessoa não pensa em acalmar os sentimentos de ciúme dela com oferendas em segredo. É preciso muito cuidado com elas. E só Orunmilá consegue acalma-la.

ORUNMILÁ

Diz o mito que Obatalá havia reunido todos os materiais necessários à criação do mundo e que mandou a Estrela da Manhã convocar todos os orixás a fim de começar o trabalho com sua ajuda. Mas na hora marcada, apenas Orunmilá apareceu. Obatalá gostou muito da atitude de Orunmilá e o recompensou, ordenando a estrela da Manhã que revelasse a Orunmilá todos os segredos da criação e do provir. E ela entregou a Orunmilá todos os segredos e materiais que compõem a vida humana, e que estavam escondidos há muito tempo dentro de uma concha de caramujo guardada num vaso que ficava entre as pernas de Obatalá. Orunmilá tornou-se, desde este dia, o dono dos segredos, das magias, das fórmulas dos ebós, dos rituais, de tudo quanto envolvia o conhecimento da alma humana e de seu destino. Ele conhece a vontade dos orixás e sabe com que matéria foi feito cada homem.

Outro mito narra que Orunmilá/Ifá e filho dos dois princípios mágicos nasceu mudo e não disse uma só palavra até a adolescência, quando seu pai lhe bateu com um bastão. E neste dia ele disse: “Gbê-medji”, palavra que ninguém compreendia. Quando apanhou de novo, tempos depois, disse: “Yeku-medji”. E assim, em diversas ocasiões, ele foi dizendo palavras, as dezesseis palavras que compõem o opelê-ifá. Depois disse a seu pai que se apanhasse mais poderia dizer muito mais que uma só palavra. O pai então bateu muito em Orunmilá, que disse então que não ficaria na terra, mas que entregaria a seu pai uma herança que serviria eternamente para todos os deuses de Oxalá. E explicou que os dezesseis nomes que havia dito eram os nomes de seus futuros filhos e que cada um deles tinha um conhecimento. Que se transformaria numa palmeira e que com os caroços de seus frutos (seus filhos) se faria o jogo de Ifá, que poderia ser consultado quando se quisesse saber o futuro ou como resolver problemas.

Dia da semana: sexta-feira

Cores: verde/amarelo

Símbolo: Iruke (um bastão de madeira curvo)

Ori é o deus portador da individualidade de cada ser humano. Representa o mais íntimo de cada um, o inconsciente, o próprio sopro de vida em sua particularização para cada pessoa. Ori mora dentro das cabeças humanas, tornando cada um aquilo que é. Como ao morrer, a cabeça de uma pessoa não é separada do corpo para o sepultamento, Ori é conhecido como aquele que pode fazer a grande viagem sem retorno, pois os outros orixás, mesmo quando morrem seus filhos, são libertados da cabeça (Ori) e retornam a Orun (céu ou mundo exterior).

Número: 16

Comida: banana com sal

ORI

Durante o processo iniciático a primeira entidade a ser equilibrada é justamente o Ori, a individualidade pessoal, para que a pessoa não se transforme em um mero espelho do orixá. A cerimônia do equilíbrio do Ori dá-se o nome de Bori (bo = comer, Ori = cabeça; dar comida para a cabeça; fortalece-la).

Um dos mitos sobre Ori diz que ele pode, depois de enterrado, voltar ao Orum levado por Nanã ou Ewá. Diz este mito que um dia Ori percebeu que era o momento de nascer e foi falar com Olorum, o universo, solicitando permissão para nascer na mesma família que havia nascido antes. Olorum permitiu, com a condição de que apenas ele, Olorum, pudesse conhecer o dia de sua morte, sem que Ori pudesse opinar sobre esta questão. E que o destino de Ori só pudesse ser mudado quando Ifá fosse consultado.

Este orixá não tem características estéticas, pois não incorpora. Apenas é cultuado juntamente com os orixás, possuindo um número no jogo de búzios onde “fala”. A quizila de Ori é a mentira.

AJALÁ

Ajalá é o oleiro primordial. A parte de Oxalá responsável pela criação física dos homens, por seu corpo, sua cabeça (onde vive Ori). Ele representa o aspecto mais orgânico do ser humano; o tipo de barro, de maior ou menor qualidade, mais ou menos cozido (o que implica maior ou menor número de problemas), mais claro ou escuro. Ajalá mistura ao barro folhas, frutas, minérios, sangues e uma série de materiais que determinam como será aquela pessoa, como Ori poderá agir nela. Estes ingredientes, com o tempo perdem o axé (energia) e precisam ser, de vez em quando, repostos, o que é feito nos rituais de candomblé, entre eles a iniciação.

Diz um dos mitos que Ajalá foi incumbido de moldar as cabeças dos homens com a lama do fundo dos rios e outros elementos da natureza. Ele moldava as cabeças e as punha para assar em seu forno. Ajalá tinha, contudo, o hábito de embriagar-se enquanto cozia o barro e

criou muitas cabeças defeituosas, queimando algumas e deixando outras com o barro cru. A causa dos problemas que muitas pessoas apresentam antes de serem iniciadas viria exatamente de um ori cru, ou queimado, ou mal proporcionado feito durante alguma bebedeira de Ajalá. Como os orixás não gostam de cabeças ruins, a pessoa ficaria desprotegida, sem a energia do

orixá. Depois que Ajalá terminava de fazer os oris (cabeças) Obatalá soprava nelas e lhes dava eni, a vida.

Ajalá é considerado avatar de Oxalá, mantendo as mesmas características. Não é cultuado. Apenas louvado.

OXAGUIÃ

Oxaguiã, também é conhecido como Ajagunã, é o conflito que antecede a paz; a revolução que antecede as transformações profundas; a instabilidade necessária ao dinamismo da vida e da sociedade e a busca do conhecimento. Por isso é compreendido como Oxalá moço, enquanto a paz, a tranqüilidade, a estabilidade, a sabedoria são compreendidos como Oxalá velho, Oxalufã. Ele é também guerreiro, e sente prazer em destruir para que o novo se estabeleça.

Um dos mitos diz que Oxaguiã nasceu apenas de Obatalá. Não teve mãe. Nasceu dentro de uma concha de caramujo.

E quando nasceu, não tinha cabeça, por isso perambulava pelo mundo, sem sentido. Um dia encontrou Ori numa estrada e este lhe deu uma cabeça feita de inhame pilado, branca. Apesar de feliz com sua cabeça, ela esquentava muito, e quando esquentava Oxaguiã criava mais conflitos. E sofria muito. Foi quando um dia encontrou Iku (a morte), que lhe ofereceu uma cabeça fria. Apesar do medo que sentia, o calor era insuportável, e ele acabou aceitando a cabeça preta que a morte lhe deu. Mas essa cabeça era dolorida e fria demais. Oxaguiã ficou triste, porque a morte, com sua frieza, estava o tempo todo acompanhando o orixá. Foi então que Ogum apareceu e deu sua espada para Oxaguiã, que espantou Iku. Ogum também tentou arrancar a cabeça preta de cima da cabeça de inhame, mas tanto apertou que as duas se fundiram e Oxaguiã ficou com a cabeça azul, agora equilibrada e sem problemas.

A partir deste dia ele e Ogum andam juntos transformando o mundo. Oxaguiã depositando o conflito de idéias e valores que mudam o mundo e Ogum fornecendo os meios para a transformação, seja a tecnologia ou a guerra.

Dia da semana: sexta-feira

Cores: branco e azul

Número: 4

Comida: inhame pilado

Saudação: Exeuê, babá! Epa Babá!

OXALUFÃ

Oxalufã é o princípio da criação, o vazio, o branco, a luz, o espaço onde tudo pode ser criado, e também a paz, a harmonia, a sabedoria que vem depois do conflito (Oxaguiã). O fim do círculo e o recomeço. Oxalufã é o compasso da terra, Oduduwá. Caminha apoiado em seu cajado cerimonial, que é também o símbolo da ligação que ele estabeleceu entre o Orun (céu) e o Ayê (terra). O grande pai ioruba, considerado a bondade masculina.

São muitos os mitos que falam de Oxalá, mas o mais conhecido nos candomblés é o que conta que Oxalá sentia muitas saudades de seu filho Xangô, e resolveu visitá-lo.

Para saber se a longa viagem lhe seria propícia, foi consultar Orunmilá, o deus adivinho, seu grande amigo. Este jogou os ikins (casca de caroços de dendezeiro) divinatórios e lhe disse que a viagem não se encontrava sob bons auspícios. E que se ele desejasse que tudo corresse bem deveria se vestir inteiramente de branco e não sujar suas roupas até chegar ao palácio, devendo também manter silêncio absoluto até o momento em que encontrasse seu filho. E assim fez Oxalá.

Esú, contudo, que adorava atormentar Oxalá, disfarçou-se de mendigo e apareceu no caminho deste, pedindo a ajuda para levantar um pesado saco de carvão que se encontrava no chão. Sem poder responder nada e sendo piedoso, Oxalá levanta o saco de carvão para Esú, mas estando este saco com o fundo rasgado, abre-se e cai sobre Oxalá sujando a roupa branca. Esú ri loucamente e se vai.

Prevenido como sempre fora, Oxalá toma banho num rio e veste roupas brancas novamente. E segue seu caminho. Novamente Esú se disfarça e pede ajuda ao viajante, dessa vez para entornar um barril de óleo num tacho. Sem poder responder para explicar e tendo boa vontade em ajudar, Oxalá levanta o barril e Esú o derrama sobre suas roupas, que desta vez não podiam mais ser trocadas, pois eram as últimas roupas limpas que Oxalá tinha para trocar.

Sujo e cansado, Oxalá vai seguindo seu caminho quando vê o exército de Xangô se aproximar dele, sinal de que estava bem perto de seu destino. Este, contudo, prende Oxalá, confundindo-o com um procurado ladrão. Como não podia falar, Oxalá nada diz e acaba jogado numa prisão durante sete anos.

Neste meio tempo o reino de Xangô entra em decadência: suas terras não mais produzem alimentos, os animais morrem e o povo fica doente. Desesperado Xangô chama um babalaô que

ao jogar o ikin Ihe diz que todo o mal do reino advém do fato de haver injustiça na terra do senhor da justiça.

Xangô vai então averiguar pessoalmente todos os presos do seu reino e descobre Oxalá pai na prisão. Desolado, coloca o velho pai sobre suas próprias costas e o carrega para o palácio, onde se encarrega de banha-lo e vesti-lo com suas alvas roupas, realizando a seguir uma grande festa. A cerimônia do candomblé chamada “Águas de Oxalá” rememora este episódio.

Dia da semana: sexta-feira

Cor: branco

Comida: canjica

Números: 16 e 8

Saudação: Epa, Babá! Exeuê, babá!

NÃO É BOM SER DESUMANO

É muito fácil a gente falar sobre cultura negra, desigualdade, discriminação racial, racismo, Zumbi dos Palmares, Dia Nacional da Consciência Negra, quando as leis que protegem todas essas coisas encontram-se presas e acorrentadas nas mãos dos poderosos homens públicos e políticos até acham graça de uma desgraçada luta de um povo dono da razão que vive faminto de desejo em ver a verdadeira libertação, que só poderá acontecer realmente, quando houver uma conscientização entre toda a humanidade, principalmente entre os que se pronunciam e dizem serem representantes disso e daquilo.

É sabido que toda contenda para ter fim, depende unicamente da vergonha e do medo da verdade. Bem disse o senhor prefeito da cidade de Vitória, Dr. Luiz Paulo Vellozo Lucas, no livro *A Cor da Esperança*, lançado pela PMV, que *“combater o racismo é combater o atraso. Valorizar cada componente de nossa diversidade étnica é dever do poder público e também compromisso de nossa vontade”*.

Aproveito o ensejo para dizer aos demais homens públicos que essa vontade não deve ser somente utilizada aos seus escolhidos grupos, para que se evite ferir em definitivo os anseios de tantos outros grupos, que também vem há muitos e longos tempos defendendo, sem artifícios mentirosos, a real história da cultura negra deixada por um povo que nada pode falar por falta de espaço, que vem sendo ocupado pelos espertalhões e aproveitadores. Evitar é melhor do que remediar. Caso contrário. Me faz lembrar a estrofe de uma antiga música que diz: “eu tenho visto coqueiro alto cair. Eu tenho visto castelo se desmoronar. (Não sei o resto), mas sei colocar um ponto final nesta interminável novel, dizendo que “O sol só brilhará com mais intensidade se todos trilharem no mesmo caminho”.

GIGANTES PELA PRÓPRIA NATUREZA

É sempre nas coisas de antigamente que temos encontrado respostas para qualquer finalidade, principalmente nos casos que envolvam a saúde e o bem estar.

A ciência e a tecnologia, atualmente nos têm surpreendido com os novos avanços e descobertas. Mas, se nos coubesse julgar o que tem acontecido com as pessoas hoje em dia, certamente os

antigos saíam vencendo. Principalmente pela sabedoria com que tratavam e desfrutavam a natureza.

Como exemplo, uma senhora gestante, que em outros tempos não podia contar com o apoio medicinal das drogas farmacêuticas, hospitais e médicos, conseguiam 'parir' seus filhos, fortes e robustos. Além disso, em poucos dias de resguardo, já estavam à beira de rios e cacimbas lavando roupas; cozinhando; plantando e colhendo mandioca, para fazer farinha e bejus, além de desenvolver todas as tarefas domésticas e braçais.

Causa-nos grande admiração, quando nos deparamos com essas pessoas, que consideramos "Gigantes pela própria natureza" e que até hoje continuam sendo medicadas pelas experiências obtidas com as raízes e ervas medicinais.

Entre as plantas e raízes milagrosas, existe uma que é conhecida por 'uncariem tomentosa', que está sendo exportada para o Peru e para alguns países da Europa, indicada como eficiente no tratamento da Aids e do câncer. O comércio dessa planta tem crescido bastante nos últimos tempos e é pouco explorada cientificamente aqui no Brasil.

Esta planta medicinal, muito encontrada no Leste da Amazônia, é conhecida por aqui por 'unha-de-gato' e Espinheira Santa. Uma pena é que pouca gente conhece seus poderes e é bem pouco utilizada.

YEMANJÁ – MÃE QUE SALVA VIDAS

Embora sendo filho de Oxóssi com Oxum e Obaluaiê, e criado pelo orixá Oxum Miwa, tenho grande admiração por todos os orixás. Especialmente por Yemanjá, pois foi ela quem não permitiu que meu pai carnal me jogasse no alto mar, dentro de um saco, acompanhado de mais três irmãs.

Isto aconteceu após a morte de minha mãe, quando do nascimento de suas duas filhas gêmeas (Mabaças).

E ficou registrado em Pontal de Ilhéus, Bahia, pelos anos de 1938. Não fosse a interferência da Yalorixá Maria Amália da Silva Guimarães, filha do orixá Oxum Mewá, hoje, eu não estaria realizando as grandiosas festas a Yemanjá no estado do Espírito Santo.

Yemanjá é, realmente, a Mãe, que tem os seus filhos como peixes. É o orixá que reina nas águas formadas por Odwduwa. É no encantador reino do mar que ela, indistintamente, revitaliza a

humanidade em cada mergulho em suas ondas, e nos alimentos fornecidos – peixes e crustáceos – que calcificam as mentes em desequilíbrio. “Odoiá!” Só os conscientes umbandistas e candomblecistas conseguem reconhecer o valor e o poder infinito que tem Yemanjá, o orixá do amor natural. “Salve a Mãe Sereia!!!”

Os orixás que se manifestam em seus representantes e preparados filhos de terreiro, estão desempenhando, aqui na terra, um importante papel. São chamados, por alguns, de ‘curandeiros’, por tratarem os filhos de fé com suas ervas medicinais, benzimentos e rituais litúrgicos.

DEUS OXALÁ E SEUS MENSAGEIROS ORIXÁS

Deus Oxalá quando criou o mundo enviou para a terra seus guardiões e deu a cada um uma tarefa de preservar cuidadosamente a mãe-natureza. No caso específico dos nossos orixás, foram incumbidos de proteger, orientar e até salvar vidas através da cura por ervas medicinais. O tempo encarregou-se de mostrar a humanidade e dar provas cabais aos enfermos, deprimidos, desnorteados e sofridos, de que neste mundo terráqueo existe salvação para todo tipo de doença. “A fé remove montanhas”.

Hoje em dia existe uma tendência crescente de interligação das ervas medicinais no tratamento das mais diversas e deturpadas doenças. Não é só no ambiente familiar que os remédios caseiros estão ganhando terreno. Usados com conhecimento e cautela, apresentam uma comprovada solução e custo baixo.

Nesse magnífico e surpreendente manancial campo, que sara e cura, é que estão nossos orixás, cujas divindades são preservadas nas ocas indígenas, roças de caboclos e pretos-velhos, que se manifestam tanto nos sacerdotes da cultura afro-brasileira como na umbandista.

ÁGUA É LIQUIDO PRECIOSO

A sensação de sede é mais imperiosa do que a fome, pelo que a vida é mais indispensável à água do que a comida. Assim como o automóvel requer lubrificante, nosso organismo requer água. Se esta lhe falta, há sérios riscos e graves prejuízos para a saúde. Aparecem, então, muitos distúrbios, como ‘peso no estômago’, inapetência, dispepsia, preguiça intestinal e indisposição geral. Livremo-nos, pois, das desagradáveis conseqüências da ‘sequidão’ no nosso corpo, e procuremos desenvolver o hábito salutar de beber água em quantidade suficiente, lembrando-nos de que no verão é necessário tomar esse líquido mais que no inverno. Uma pessoa adulta perde quotidianamente dois litros ou mais, que são expelidos em maior parte pela urina, pela respiração, pela transpiração e pelas fezes.

Cerca de um litro nos é fornecido, cada dia, pelos alimentos que tomamos, mormente pelas frutas e hortaliças. Os restos devem prover, bebendo seis ou oito copos de água por dia. De praxe é bom beber dois copos em jejum, dois entre o desjejum e mais dois entre o almoço e o jantar. E quanto espaço se deve deixar tanto antes como depois de cada refeição? O essencial é e tomar água uma hora antes, ou duas horas depois. Nunca durante as refeições. Se a comida, no estômago, for encharcada, a digestão será prejudicada.

Em muitos casos, a água de poço é melhor do que a água de torneira, mas requer precauções. A água exerce ainda outras funções de grande importância no organismo: regulariza e distribui o calor, segundo a sua maior ou menor evaporação pelos pulmões e pela pele. Pelos pulmões, eliminamos aproximadamente meio litro de água por dia. A evaporação pulmonar tira-nos cerca de 15% do calor do organismo. Na composição dos tecidos, também, a água está presente, como parte integrante das moléculas protéicas, na formação do plasma sanguíneo, na linfa e nos demais rumores do organismo.

Alguns regimes de emagrecimento prescrevem um mínimo de água. Isto é um erro. Quem adota um regime de emagrecimento deve beber mais água do que de costume. As células de gordura que se desfazem sob as dietas, fornecem muitos detritos ácidos que necessitam ser expulsos. Impondo, com isso, às glândulas sudoríparas e, principalmente, os rins, que requerem muito mais deste precioso líquido – a água.

TODAS AS ÁGUAS DO MUNDO

Ìyá Sandra Medeiros Epega

"A princípio o mundo era líquido.

A frente do mundo era água, o fundo do mundo era água."

Vieram os Òrìṣà, trouxeram uma estranha matéria castanha, que foi espalhada sobre a água com a ajuda de uma galinha de cinco dedos, de um pombo e de um grande caracol. Òrìṣà Oṣumare, o Arco íris, transformou-se em uma imensa cobra e arrastando-se sobre a Terra recém criada, determinou a geografia do planeta, fez vales e grandes cordilheiras, planícies e pequenos montes, ao redor da imensidão dos mares e oceanos.

A água escasseou. Vieram os Òrìṣà morar por um tempo na Terra, e todas as Deusas, chamadas Ayabá (aya – esposa, Oba – Rei), quando voltaram ao Orun (mundo ancestral), transformaram-se em rios e lagos.

A chuva se fez presente, enchendo os rios, e mantendo-os fartos e cheios rumo ao mar. Água bendita da vida, água mágica que dá nome à nossa descendência.

E os homens, moradores da Terra, criados pelos Deuses para cuidar de Ilu Aiye (o planeta Terra) e adorar os Òrìṣà, foram incumbidos de zelar por sua moradia. As águas não poderiam ser sujas ou não dariam peixes, alimento que significa para homens e Deuses a liberdade. Nada seria jogado nos rios a não ser ebo (oferendas) vindos da natureza, como grãos, folhas, raízes, frutas que, sendo oferecidos aos Òrìṣà moradores dos rios, serviriam de alimentos a seus filhos diletos, os peixes.

Se um ser humano quisesse dar outro tipo de oferenda, ela seria colocada na margem do Rio. E o Òrìṣà a quem fosse oferecida, iria escolher um outro ser humano para achá-la e utilizá-la em seu nome.

E assim, os Templos se ergueram na beira dos rios e vasilhas de alimentos, dinheiro, roupas e objetos de metal eram colocados como ebo no seu interior, em local de fácil acesso, onde os pobres e necessitados poderiam ir buscá-las.

E Ibu Odo, o local mais profundo do Rio, só recebia ebo que os peixes pudessem comer e digerir, sempre louvando os Òrìṣà.

Okun, o oceano, não foi tão cauteloso. E os homens davam tudo ao mar. Oceano, em sua imensidão tudo aceitava. Até que um dia Olokun, deusa do mar (cuja união com Oduduwa, o planeta Terra, deu

origem a quase todos os deuses), e sua filha Yemoja (mãe dos filhos peixes), rainha das águas rasas do mar e do delta do rio, se revoltaram e vomitaram toda sujeira acumulada em suas casas.

E os homens que viviam da pesca aprenderam a não sujar o mar, morada dos Deuses, porque a ira dos Òrìṣà atrapalhava a pesca, tornava o mar bravio, chegando até a virar os barcos e a matar os pescadores. Olokun brava, oceano bravio. Yemoja brava, mar raso bravio. Melhor não dar razão para isso acontecer.

Por milênios, os seres humanos, as lagoas, as cachoeiras, os mares, os rios e o imenso oceano viveram em paz e harmonia.

Os homens nasciam e renasciam, as vilas e cidades cresciam e aumentavam. Surgiu a tecnologia e o ser humano parou de escutar os ensinamentos dos Sacerdotes e dos mais velhos, deixou de se preocupar com a natureza limpa, com a moradia perfeita a eles oferecida pelos Òrìṣà.

O ser humano se esqueceu da sacralidade das águas, e sua sujeira, seu lixo e seus dejetos imperam no reino líquido dos Òrìṣà, que se recusam a receber ebo em casas destruídas pela poluição.

Mares e rios, matas e ares sujos e poluídos desagradam os deuses e comprometem nossa descendência. E a previsão de Orunmila (deus do oráculo Ifá) para 1999, avisa os seres humanos que a natureza está brava e os Deuses aborrecidos. Ilu Aiye, que nos foi confiado como um presente dos Òrìṣà, encontra-se sujo e tristemente poluído.

Água é sagrada, fonte de vida do recém nascido, matéria prima que ajuda a moldar os homens, elemento essencial à vida humana, moradia de Deuses e Ancestrais. Água limpa, casa limpa, Òrìṣà satisfeito, ebo recebido. Ou voltaremos ao início de tudo:

"A princípio o mundo era líquido.

A frente do mundo era água, o fundo do mundo era água."

COMENTÁRIO FINAL

Muitas vezes sou obrigado a achar engraçado quando ouço um irmão dizer que assunto de santo (orixá), só deve ser comentado em terreiro. Nossa conotação logo me dá a impressão de que o anjo da guarda, que é um vulto que nos acompanha, seja lá onde estivermos, não pode ir a lugar algum, e só permanecendo em casa, conforme já me disseram. Achando que existe um engano por parte do irmão, pergunto a mim mesmo: "Será que o mundo é nosso?". Claro que todos irão refletir sobre sermos a semelhança do criador, que não nos deu o direito de julgarmos que o mundo, a natureza e a vida, têm exclusividade nossa.

Realmente, nascemos de um tudo. Mas devemos saber que nada somos. Me recordo de uma música, interpretada pelo cantor Cauby Peixoto, que dizia, "que ninguém é de ninguém. Na vida tudo passa. Ninguém é de ninguém, até quem nos abraça". É óbvio que todo poeta sempre escreve inspirado em alguma coisa que despertou sua atenção. Mas a interpretação da letra fica a critério do cantor, que vê e sente a inspiração à sua maneira.

A humildade e o sentimento nos levam a esquecer as mágoas, o ódio, a tristeza e o ressentimento. O espírito divino se gloria e cada vez mais evolui. Quando vê desenvolver, na mente e no coração do ser vivente, a harmonia que nunca deveria deixar de existir aqui na terra. Estar de bem com a natureza é ficar eternamente grato ao criador pela criação.